



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

O USO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PARA O ENSINO DE LÉXICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Andressa Viana da Silva¹
Natália Cristine Prado²

1. Introdução

Uma das manifestações da linguagem é a palavra, que pode ser falada ou escrita. A palavra suporta pequenos e grandes sentimentos, se flexiona, moldando um gênero ou concordando em número; deriva-se, sendo palavrões e palavrinhas. O conjunto de palavras é formador do léxico de uma língua, estando disponível para atender as necessidades de comunicação dos falantes. Dessa maneira, da mesma forma que uma gramática se estabelece em uma Língua, esta não existe sem o Léxico. A partir desse ponto de partida, esse trabalho considera o léxico como sendo:

(...) aberto, inesgotável, constantemente renovável, não apenas porque surgem novas palavras, mas, também, pela dinâmica interna das palavras, que vão e vêm, que desaparecem e reaparecem, que mantêm seus significados ou os mudam, de um lugar para outro, de um tempo para outro. Isso não quer dizer que as palavras sejam destituídas de todas e qualquer estabilidade de significado ou que, em cada momento da interação, os sentidos sejam criados inteiramente “a partir de um estado cognitivo zero”. Às palavras são associados significados básicos, que constituem, isso mesmo, a base para a derivação de outros significados, próximos, associados, afins. (ANTUNES, 2012, p.29)

Sendo o léxico parte da vida do ser humano, é evidente que o seu ensino é uma das muitas tarefas a ser desenvolvidas pela escola e que deve ser realizada

¹Graduanda em Letras Português (UNIR). Contato: vianex@live.com.

² Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (FCLAr/UNESP), professora do Departamento de Línguas Vernáculas da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Contato: natalia.prado@unir.br.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

de forma satisfatória e significativa, com a pretensão de desenvolver as competências do alunato. Assim, é preciso formar alunos que possuam consciência de que conhecer uma palavra vai muito além de decodificá-la, e que é preciso refletir sobre a posição em que ela se encontra dentro da Língua para poder entender a importância da escolha lexical ao veicular sentidos. É interessante também refletir sobre como um termo se relaciona com outros para conhecer também os vários significados de uma mesma palavra. Portanto, é compromisso do ensino de língua materna trabalhar o vocabulário como um recurso que amplia a competência comunicativa dos aprendizes. É importante que os alunos percebam o aprendizado do léxico como um conteúdo que irá fazer parte de suas vidas, através do uso da língua para objetivos de comunicação.

Entretanto, o que se observa é que o ensino de léxico, na sala de aula, acaba relegado ao segundo plano, nos poucos momentos em que é ensinado. No período de estágio supervisionado de observação do ensino fundamental e médio, por exemplo, não se observou uma única aula sobre léxico. Desse modo, a língua que é ensinada na escola, aparenta ser distante do falante, fora do contexto, reduzindo-se a regras gramaticais que oprimem e apenas apontam o certo e errado e é interpretada erroneamente como unívoca e imutável. Antunes acrescenta ainda:

A língua da escola parece uma abstração, parece uma entidade estática, fixa, não em movimento, e as palavras, conseqüentemente, parecem ter seus sentidos fixados, tal como etiquetas em pedra. Essa perspectiva de reduzir a palavra a uma única significação se ajusta muito bem aos costumeiros exercícios em torno de palavras isoladas ou de frases descontextualizadas. (2012, p. 23)

Ou seja, o léxico não é visto como parte fundamental de estruturação de um texto. O processo de ampliar o trabalho com o léxico resume-se apenas a questões morfológicas, que se esgotam apenas no interior da gramática normativa. Acredita-se ainda que estudar língua é estudar gramática, que saber gramática é dominar uma língua: “o destino que terão as palavras criadas é silenciado”



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

(ANTUNES, 2012, p. 21). O próprio livro didático negligência esse assunto, propondo o ensino desse conteúdo de uma forma isolada, sem contextualização, nem conexão com a realidade do aluno e sem ter como base textos reais, sempre fragmentando e recortando palavras. Consequentemente:

Tampouco importa a vinculação de tais criações com as demandas culturais de cada lugar e de cada época. Importa reconhecer o componente gramatical implicado nesses processos. Tanto é assim que a questão da formação de palavras consta no bloco compêndio destinado à sistematização da morfologia. Nos programas de ensino ou nos planejamentos elaborados por alguns professores, as questões sobre o léxico também ganham apenas um espaço diminuto, quase uma concessão (“para não dizerem que não falamos de flores”, ou, do léxico!). (ANTUNES, 2012. p.21)

Basta ver assim, que o léxico, quando é trabalhado, é de forma defasada. Não atinge a dimensão da textualidade, não sendo visto como componente fundamental para a construção dos sentidos de um texto. Sendo muitas vezes veiculado apenas na formação de palavras (dimensão morfológica) ou pontuando um significado e algumas relações de sentido (dimensão semântica), sempre sem contextualização, através de atividades com frases e palavras isoladas. Carece abordá-lo como elemento da composição textual, para desenvolver suas funções que são: criar; indicar os sentidos e suas intenções. Pretende-se, a partir dessas considerações, conceder a devida importância para o ensino lexical, com a proposta de uma abordagem contextualizada, que torne o ensino desse mais satisfatório por meio do uso das Histórias em Quadrinhos (doravante HQs), destacando as unidades lexicais e ampliando as visões acerca do assunto, afinal “sob a pele das palavras há cifras e códigos”. (ANDRADE, 1978, p.15).

2. Quadrinhos e ensino



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Durante muito tempo, a ideia de que as HQs não eram boa fonte de leitura perpetuou. A evolução desse preconceito acabou por caracterizar as HQs como "inimigas do ensino e do aprendizado", com a alegação de que são influências negativas para a mente indefesa de seus leitores, acrescentando ainda análises que destacavam o estímulo da homossexualidade por meio das histórias do Batman, como se fosse possível influenciar alguém dessa maneira. Portanto, a ideia de tornar as HQs aproveitáveis para o ambiente escolar era incabível. Infelizmente, ainda hoje, não se pode afirmar que essa visão deixou de existir, pois ainda se tem notícias de pais que proíbem filhos de lerem esse gênero, professores que não admitem esse tipo de leitura e pessoas que associam distúrbios comportamentais à leitura de gibis. Vergueiro comenta:

Apesar de sua imensa popularidade junto ao público leitor – composto principalmente por jovens e adolescentes – e das altíssimas tiragens das revistas, a leitura de histórias em quadrinhos passou a ser estigmatizada pelas camadas ditas "pensantes" da sociedade. Tinha-se como certo que sua leitura afastava as crianças de "objetivos mais nobres" – como o conhecimento do "mundo dos livros" e o estudo de "assuntos sérios" –, que causava prejuízos ao rendimento escolar e poderia, inclusive, gerar conseqüências ainda mais aterradoras, como o embotamento do raciocínio lógico, a dificuldade para apreensão de idéias abstratas e o mergulho em um ambiente imaginativo prejudicial ao relacionamento social e afetivo de seus leitores. (2014 p.16)

Em contrapartida, há pesquisas e trabalhos, que demonstram que os quadrinhos são transdisciplinares, basta saber aproveitar. Como, por exemplo, podem servir para estimular o ato de ler dos alunos, na busca de intercalar e analisar o código visual e verbal ou trabalhar a construção de sentidos dentro do texto. Desta forma, sabe-se que a ideia de (re) construção do sentido, requer do aluno uma posição crítica um questionamento, o que ajuda no desenvolvimento da criticidade, na reflexão e no estímulo na busca do senso crítico. Na perspectiva de que é necessário ampliar olhares e desenvolver indivíduos capazes de atuarem como cidadãos, as HQs se mostram como uma excelente ferramenta, um gênero que está longe de ser simplório dentro da educação. Nessa vertente, Vergueiro contribui:



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Por outro lado, a percepção de que as histórias em quadrinhos podiam ser utilizadas de forma eficiente para a transmissão de conhecimentos específicos, ou seja, desempenhando uma função utilitária e não apenas de entretenimento, já era corrente no meio “quadrinhístico” desde muito antes de seu “descobrimento” pelos estudiosos da comunicação. As primeiras revistas de quadrinhos de caráter educacional publicadas nos Estados Unidos, tais como True Comics, Real Life Comics e Real Fact Comics, editadas durante a década de 1940, traziam antologias de histórias em quadrinhos sobre personagens famosos da história, figuras literárias e eventos históricos. (2014.p.17)

Ainda que, anteriormente, esse gênero tenha sido alvo de preconceito, por parte da sociedade e pesquisadores, até mesmo por professores que cresceram na época em que os “males dos quadrinhos” faziam parte do senso comum, hoje a evolução das pesquisas, com o tempo, foi favorável à linguagem das HQs. Recentemente até se reconheceu, em muitos países, a importância de inserir as Histórias em quadrinhos no currículo escolar, não apenas teorizando, mais também desenvolvendo orientações especificadas para isso. No caso do Brasil, por exemplo, o uso das HQs já é reconhecido pela LDB (Leis de Diretrizes e Bases) e também pelos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais).

Contudo, em nenhum momento afirma-se que as HQs são a grande salvação do ensino escolar, muito menos que elas atendem a todo e qualquer objetivo educacional. Elas não dão as respostas desejadas para todas as dúvidas e necessidades do processo de ensino. Afinal, mágica só no contexto ficcional das histórias. O adequado é buscar a integração dos quadrinhos, como auxílio, para exercer um papel com uma determinada intenção. Da mesma forma que se deve aproveitar também a cinematografia, a arte televisiva, e tantos outros exemplos, para tratar tudo como conversável, como formas complementares que não vão de encontro, mas sim ao encontro de uma formação satisfatória e significativa. Assim:

Eles tanto podem ser utilizados para introduzir um tema que será depois desenvolvido por outros meios, para aprofundar um conceito já apresentado, para gerar uma discussão a respeito de um assunto, para ilustrar uma idéia, como uma forma lúdica para tratamento de um tema árido ou como contraposição ao enfoque dado por outro meio de comunicação. Em cada um desses casos, caberá ao professor, quando do planejamento e



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

desenvolvimento de atividades na escola, em qualquer disciplina, estabelecer a estratégia mais adequada às suas necessidades e às características de faixa etária, nível de conhecimento e capacidade de compreensão de seus alunos. (VERGUEIRO. 2014. p. 26)

Levando em consideração o papel do professor, deve-se salientar ainda, a importância da escolha do livro didático, que normalmente é um grande suporte dos professores. É evidente que ele também deve se inserir nesse uso adequado das HQs. Apesar de, hoje, as HQs estarem muito presentes nos livros didáticos, essa inclusão começou de forma tímida, inicialmente apenas para ilustrar aspectos específicos, das matérias acompanhadas de um texto escrito. Ainda com restrições, e um temor de rejeição por parte das escolas. No entanto, seus resultados positivos cresciam cada vez mais, começando a despertar solicitação das próprias editoras, que por sua vez, começaram a incluir com mais frequência as HQs, o que ampliou sua entrada no âmbito educacional. Com isso, houve uma feliz evolução, tornando atualmente o uso comum nas publicações de livros didáticos, fazendo farta à utilização na transmissão de conhecimento. Logo:

No Brasil, principalmente após a avaliação realizada pelo Ministério da Educação a partir de meados dos anos de 1990, muitos autores de livros didáticos passaram a diversificar a linguagem no que diz respeito aos textos informativos e às atividades apresentadas como complementares para os alunos, incorporando a linguagem dos quadrinhos em suas produções. (VERGUEIRO. 2014. p20)

À vista disso, as HQs podem não apenas ser utilizadas como fruição nos livros didáticos, mas também com intencionalidade, no auxílio para a transmissão de conteúdos programáticos. Atenta-se ainda, pela escolha de um caminho que não ignore a norma padrão, mas que se interessa pelo viés da língua em uso. Assim:

De certa forma, pode-se dizer que as histórias em quadrinhos vão ao encontro das necessidades do ser humano, na medida em que utilizam fartamente um elemento de comunicação que esteve presente na história da humanidade desde os primórdios: a imagem gráfica. (VERGUEIRO. 2014.p.8).



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Portanto, esse trabalho teve o intuito de utilizar as histórias em quadrinhos para encontrar uma maneira de ensinar o conteúdo lexical de forma mais contextualizada, oferecendo uma alternativa ao ensino com frases isoladas.

3. Metodologia, aplicação em sala de aula e resultados

Neste trabalho, pretende-se refletir sobre a função das “palavras cheias”, isto é, palavras que possuem sentido semântico e se opõem aos vocábulos gramaticais. Segundo Monteiro (2002), há dois tipos de itens no léxico: vocábulos e palavras. O autor leva em consideração a presença ou a ausência de significado das palavras para sua definição. Por exemplo, *de* tem apenas a função de relacionar termos, isto é, possui apenas um significado gramatical, assim *de* é considerado um vocábulo, enquanto que uma palavra, como *animal*, expressa uma ideia e tem, portanto, um significado lexical. Deste modo, “toda palavra é vocábulo, mas nem todo vocábulo é palavra” (MONTEIRO, 2002, p.12).

Os estudos que embasaram esse trabalho consideram o léxico a partir do seguinte ponto de vista:

Convencionou-se chamar de léxico todo o conjunto de palavras de uma língua (dicionarizadas ou não, tidas como cultas ou não, escritas ou faladas) e de *vocabulário* o subconjunto que se encontra em uso efetivo, por um determinado grupo de falantes, numa determinada situação. (BEZERRA, 2004, p.12)

Dessa forma, foi fundamental entender o que é o léxico para que se trabalhar com o ensino deste conteúdo. Ainda sobre esse conceito, Antunes afirma:

O léxico é um conjunto relativamente extenso de palavras, à disposição dos falantes, as quais constituem as unidades de base com que construímos o sentido de nossos enunciados. (...) É mais do que uma lista de palavras à disposição dos falantes. É mais do que um repertório de unidades. É um depositário dos recortes com que cada comunidade vê o mundo, as coisas que a cercam, o sentido de tudo. (2007, p.42).



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Entende-se, assim, que, na teoria o léxico é visto como um conjunto de palavras que cada indivíduo possui, em proporções distintas. Sabendo ainda que o vocabulário é um subconjunto que caracteriza o léxico de um determinado grupo de falantes, de acordo com uma situação determinada.

É objetivo desta proposta, desenvolver a consciência de que conhecer uma palavra significa muito mais que uma mera decodificação/leitura, pois pressupõe também saber fazer com precisão boas escolhas lexicais. Para isso, fez-se necessário refletir acerca de como um termo se relaciona com outros e conhecer também seus vários significados. Portanto, houve o compromisso de trabalhar o vocabulário como um recurso que amplia a competência comunicativa dos aprendizes, já que é importante que os alunos percebam o aprendizado do léxico como uma necessidade que faz parte de suas vidas, tendo em vista o uso da língua para objetivos de comunicação.

Como já citado anteriormente, o ensino de léxico acaba sendo, muitas vezes, negligenciado nas aulas de língua portuguesa ou é transmitido de maneira descontextualizada, ou seja, o professor apresenta palavras avulsas e cobra a produção de textos a partir delas. Dessa forma, segundo Antunes (2014, p. 82), “os alunos deixam de ampliar sua competência em relação à ‘como compor ou interpretar textos’”. Diante deste cenário é preciso entender que:

Na vida real, ninguém anda por aí formando frases; ninguém fala ou escreve para treinar o uso de letras ou de acentos. O que nos faz falar ou escrever, isto é, produzir texto, é ter o que dizer, ter alguma necessidade ou vontade de fazê-lo, supor que interessa a alguém inteirar-se do que vamos dizer etc.,etc. (ANTUNES, 2005. p.83)

Diante disso, propõe-se um ensino contextualizado, conforme recomendado por Antunes (2014). Acreditando que o trabalho com as HQs pode resultar em uma maneira positiva e interativa de estudo do vocabulário, além de inserir o aluno nessa linguagem, que, de acordo com RAMOS (2005), é autônoma e usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos. Trata-se de um gênero textual (ou hipergênero) que se insere em uma linguagem mista, com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

aspectos verbais e não-verbais, o que permite inúmeras possibilidades de estudos, principalmente quando se considera a importância dos aspectos lexicais para a evolução das HQs.

A proposta desse artigo vai ao encontro da ideia de que é possível apropriar-se das histórias em quadrinhos para desenvolver um ensino lexical significativo para o aluno o que foi comprovado, através do estágio supervisionado de regência no ensino médio das Alunas Andressa Viana e Gleyciana Almeida, da universidade Federal de Rondônia - UNIR. Tal proposta teve como intenção ir além de apenas explorar o lado descontraído das HQs, mas utilizar-se da complexidade verbal desse gênero para ratificar a importância de se aprender a trabalhar e a entender o funcionamento lexical. Com o cuidado, sempre, de desmistificar o preconceito em torno das HQs, defendendo que este é um gênero textual rico e que deve ser explorado no âmbito escolar e acadêmico.

Para essa pesquisa, foram selecionadas duas turmas do oitavo ano, da escola Marechal Castelo Branco em Porto Velho, que participaram dessa ação que pôs em prática o ensino de léxico através dos quadrinhos, por meio da proposta de leitura, análise e reflexão. Nas aulas, foram explorados os conceitos de Antônimo, Sinônimo, Parônimo e Homônimo. Neste trabalho, considera-se a sinonímia como sendo a relação de semelhança de sentidos entre palavras e expressões da língua, assim, cada um dos termos de sentido semelhante é chamado de sinônimo dos outros termos com os quais se relaciona semanticamente. Já antonímia é vista como sendo a relação de oposição de sentido entre palavras e expressões de língua, desse modo, cada um dos termos de sentido contrário é chamado de antônimo do outro termo ao qual se opõe semanticamente. (ABAURRE. et al. 2013, p.202)

Ainda para esta pesquisa, consideramos como sendo homônimas as palavras “(...) que podem ter a mesma pronúncia, ou a mesma grafia, ou, ainda, a mesma pronúncia e a mesma grafia; em todos os casos, os significados são diferentes.” (SARMENTO. 2005, p. 80) e como sendo parônimas “as palavras que apresentam pequenas diferenças na escrita e na pronúncia, e também têm significados diferentes.” (SARMENTO. 2005, p. 81). Em nossa proposta, sempre



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

houve a preocupação continua de apropriar-se dessas teorias na busca de construir sentidos, estes que são expressos por meio da palavra, bem como, demonstrar suas funções e efeitos dentro de um determinado contexto.

Em uma das aulas, por exemplo, na qual se trabalhou com o auxílio de slides, tratou-se do conceito de Parônimo e Homônimo. A parte teórica transcorreu por meio de explicação oral, com exemplo dos seguintes quadrinhos da turma da Mônica:

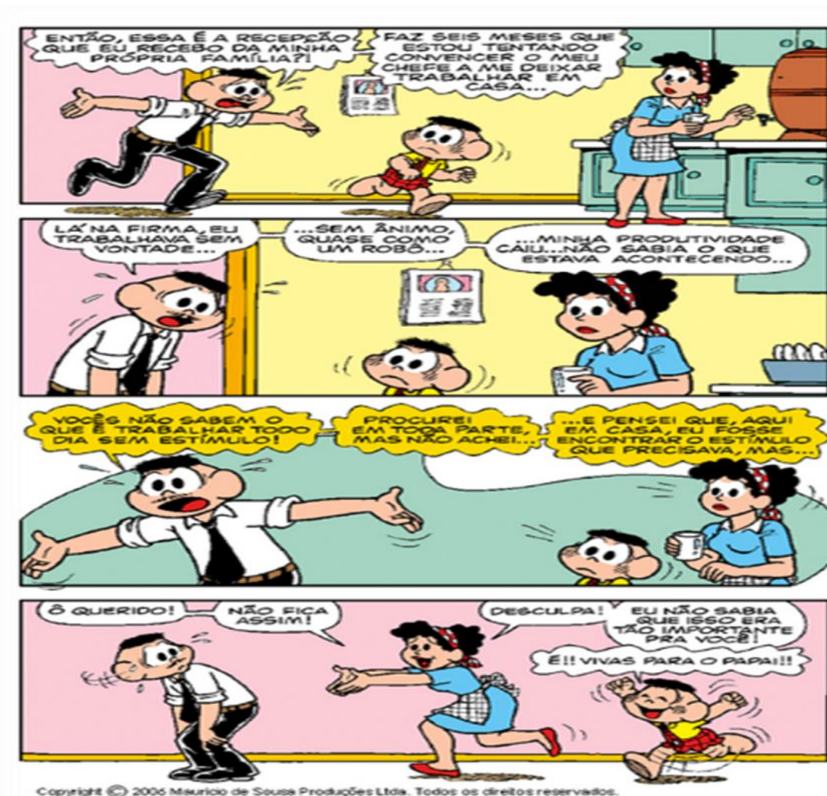


Figura 1: Fonte: <http://turmadamonica.uol.com.br/>

Solicitamos que eles identificassem nesses quadrinhos palavras parônimas, a maioria apontou o termo “recepção” e o associou com “decepção”.

Ainda nessa aula, também houve a introdução de uma pequena fala sobre a importância da palavra e do contexto em que ela se insere. Para essa exemplificação apossamos dos seguintes quadrinhos:



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”



Fonte: <http://turmadamonica.uol.com.br/>

Após a explicação teórica, a classe foi dividida em grupos e todos apresentaram um pequeno texto, produzidos por eles, que continham palavras sugeridas pelas professoras regentes, como forma de avaliação. Sendo palavras parônimas ou homônimas, com a intenção de ratificar o aprendizado do conteúdo. O vocabulário selecionado para essa atividade foi: Taxa e tacha; Colher (substantivo) e colher (verbo); comprimento e cumprimento; soar e suar. Os alunos apresentaram o texto criado em forma teatro, as performances foram criativas e coerentes, evidenciando que eles tinham domínio dos termos, pois aplicaram perfeitamente dentro de um contexto.

Outro ponto interessante, não apenas dessa aula citada, mas de todas, é que as leituras das HQs eram feitas com a ajuda dos alunos o que é importante visto que é essencial se pensar em como se lê os textos, independentemente do gênero. No caso das HQs, as falas são de personagens, dessa forma é preciso distinguir as



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

vozes e formular características que torne a leitura mais compreensível para interpretação. O como se lê, também competiu nas aulas. Visto que a forma como a mensagem é lida torna se fundamental para aproximação do leitor ao texto, consequentemente:

Ninguém pode ler um poema, por exemplo, do mesmo modo que lê uma notícia, um aviso, um anúncio publicitário. Muito menos, ninguém pode ler em voz alta, do mesmo jeito, o poema e a notícia. O poema não se lê; o poema se recita, se declama; com a emoção escapando pela voz, e a admiração, de vez quando, externada em uma exclamação: “Que coisa bonita”. (ANTUNES. 2012, p.133)

Por esse motivo, fez-se necessário abordar também a importância do “como se lê” os textos. De acordo com GERALDI (2011), o ensino da língua portuguesa deveria se centrar em três práticas: Leituras de textos; produção de textos; análise linguística. O estudo do léxico encontra-se intimamente ligado a essas vertentes; mas, para tornar possível a realização desse trabalho concerniu-se necessário transmitir a leitura como um conteúdo, não uma mera decodificação, destacando o ensino a ser trabalhado em busca de significações e relevâncias linguísticas.

Ainda nos estágios de observação das estagiárias citadas anteriormente, detectou-se que o ensino, tanto no nível fundamental quanto médio, não corresponde à proposta reflexiva, na busca de formar cidadãos conscientes. Nessas observações foi possível notar a escassez do próprio trabalho com o léxico em sala de aula. Foram cerca de três meses de observação em cada ciclo e em nenhuma das aulas foi abordado o ensino de léxico que, quando é realizado, ocorre sem uma preocupação com a contextualização deste conteúdo; transmitindo um conceito de “certo” e “errado” em termos de ortografia, mas sem a preocupação de ampliar a criticidade dos alunos e fazê-los enxergar o valor da palavra e de sua respectiva função. Assim, não se enfatiza a importância de se atender ao uso do vocabulário adequado de acordo com a ocasião.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Em outra aula, em que se abordou os conceitos de antônimo e sinônimo, também foram observados bons resultados. A avaliação, que dessa vez foi uma dinâmica de improviso, realizou-se com êxito pelos discentes.

Como docentes, conhecedoras do papel da leitura, não buscamos apenas que os alunos lessem, mas que eles também se questionassem o que foi lido. Isto se deu através de debates que discutiam sobre as narrativas das HQs, sempre refletindo com uma interação real, associando e inserindo aquelas histórias no contexto social dos leitores. Para que pudessem vivenciar a leitura em toda sua plenitude, deixando claro que era muito mais que meras páginas multicoloridas que servem de forma bem humorada para o entretenimento, sendo as HQs leituras amplas que exploram as mais diversas interações signos-linguísticas, contribuindo para o aprofundamento do estudo em vários aspectos, dando sentido ao que se está lendo.

Por fim, foi possível perceber uma conexão extremamente produtiva das HQs com o ensino do léxico, o que prova as histórias em quadrinhos são “obras ricas em simbologia – podem ser vistas como objeto de lazer, estudo e investigação. Bem como, a maneira como as palavras, imagens e as formas são trabalhadas, apresenta um convite à interação autor-leitor” (REZENDE, 2009, p.126).

4. Conclusão

As histórias em quadrinhos expressam os mais variados modos de viver, sempre proporcionando ao interlocutor uma leitura significativa, pois faz uso de signos variados, na maioria das vezes indo ao encontro do gosto e das necessidades atuais. Além disso, também intertextualiza com as aspirações humanas que são expressas desde tempos mais antigos, como por exemplo, o mito do velho retorno que se encontra presente nas histórias da turma da Mônica, aguçando, assim, a curiosidade e desafiando o senso crítico do aluno. Neste contexto, Custódio (2007, p.65) afirma que através das HQs “(...) pode-se tratar de



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

qualquer assunto, em qualquer disciplina ou grau de ensino. A contribuição para a Língua Portuguesa, redação, leitura e Educação Artística dispensa comentários”.

Com o ensino Léxico não é diferente, constata-se que através desse trabalho que com as HQs atingimos resultados positivos, no qual os alunos assimilaram melhor o conteúdo e puderam entender a importância do conteúdo programático dentro da sua vida social. A própria forma estrutural dos quadrinhos é um fator de maior eficiência para a assimilação, pois o trabalha-se com imagens e palavras juntas e também que é uma leitura que normalmente interessa a esse público do ensino básico. Por fim, contrariando a opinião de leigos, destacamos que esses textos são ricos em muitos aspectos, além de serem importantes para a formação de leitores. Ressaltamos que ler HQs desenvolve o senso crítico do indivíduo e amplia suas competências, o que comprova que esse gênero pode estar presente em sala de aula, além de, evidentemente, ser uma boa fonte de diversão e prazer.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. 11^aed. Rio de Janeiro: Olympio Editora, 1978.

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada: Limpando “o pó das ideias simples”**. São Paulo: Parábola editorial, 2014.

ANTUNES, Irandé. **Território das palavras**. São Paulo: Parábola Editora, 2012.

CUSTÓDIO, José de Arimathéia Cordeiro. **O super poder da leitura**. In: REZENDE, Lucinea Aparecida de. **Leitura e Visão de Mundo: Peças de um Quebra-cabeça**. Londrina: Eduel, 2007.

GERALDI, João Wanderley. **O texto em sala de aula**. São Paulo: ática. 2011.

RAMOS, Paulo. **Os quadrinhos em aulas de Língua Portuguesa**. In: RAMA, Angela & VERGUEIRO, Waldomiro (orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

REZENDE, Lucinea Aparecida de. **Leitura e Formação de Leitores: Vivências TeóricasPráticas**. Londrina: Eduel, 2009.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia Portuguesa**. 4.^a ed. Campinas: Pontes, 2002.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazôniaas, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

SARMENTO, Leila Lauar. **Gramática em Textos**. São Paulo: Moderna, 2005.

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela.

Português: Contexto, interlocução e sentido. São Paulo: Moderna, 2013.

<http://turmadamonica.uol.com.br/>. Acesso: Junho de 2016.